

# Capitalismo: crises e resistências

ANDRÉIA GALVÃO, ELAINE AMORIM, JÚLIA GOMES E SOUZA,  
LEANDRO GALASTRI (ORGS.)

*São Paulo; Campinas: Outras Expressões; Cemarx/Unicamp, 2012, 510p.*

*Sergio Lessa\**

*Capitalismo: crises e resistências*, reúne textos apresentados no VI Colóquio Internacional Marx e Engels organizado em 2009 pelo Cemarx – Unicamp. O Colóquio Marx e Engels, já uma tradição na esquerda brasileira, tem reunido o que de melhor e mais promissor há na produção teórica da esquerda nacional. Esse evento já propiciou a publicação de seis livros: *A obra teórica de Marx* (2002), *Marxismo e ciências humanas* (2003), *Marxismo e socialismo no século XXI* (2005), *Marxismo, capitalismo e socialismo* (2008) e *Marxismo, teoria, história e política* (2012). Na sequência dessa série, *Capitalismo: crises e resistências* possui o mérito de oferecer um panorama do que a esquerda marxista tem investigado e debatido. Provavelmente, não há produção teórica marxista mais desenvolvida e rica do que a que se apresenta nos Colóquios Marx e Engels e, por isso, neles também se revelam nossas maiores debilidades.

A relação entre o desenvolvimento do nosso esforço teórico e uma vida cotidiana marcada pela ausência de lutas proletárias, comunistas, tem perdurado por pelo menos meio século. A superação dessa relação não será obra de uma perspectiva teórica “acertada”, nem a realização de alguns poucos iluminados; dependerá, essencialmente, da retomada, em um patamar superior, das lutas de

---

\* Professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

classe. Enquanto tal superação não ocorrer, a academia tenderá a permanecer, como nestas décadas, onde o desenvolvimento do marxismo se mostra possível. E, contudo, justamente por vicejar no ambiente acadêmico, nosso marxismo terminou incorporando o imprescindível à sobrevivência na universidade. Os objetos, por mais importantes, são abordados do ponto de vista teórico mais abstrato; os temas revolucionários mais decisivos são travestidos por um linguajar acadêmico que castra sua potencialidade revolucionária e limita os que podem ter acesso à reflexão. É como se, ao financiar nossas pesquisas e pagar nosso salário, a universidade tivesse subsidiado não apenas nosso sustento, mas também nossas ideias. É nesse ambiente marcado pelos limites da academia que alguns traços de utopia (no sentido do que não tem lugar na história) podem parecer razoáveis (a contribuição de Victor Wallis), ou que seja necessário argumentar que o cooperativismo e empreendedorismo promovidos pelos governos petistas não são a constituição de relações de produção para além do capitalismo (Bárbara Castro) ou, ainda, que a política externa de um Estado é apenas a defesa internacional dos interesses predominantes do capital que representa (Fábio M. Bueno e Raphael L. Seabra).

O conjunto dos textos explicita, ainda, outra característica do nosso marxismo acadêmico: sem as lutas proletárias por norte, as investigações abordam muitos temas com várias perspectivas no tratamento de cada um deles. O que poderia ser índice de uma riqueza no debate, não o é. Não há um conjunto de questões – ou campos teórico-ideológicos – que se confrontem em alguns embates centrais. Por isso, os temas são abordados de uma perspectiva de esquerda e marxista, sem conseguir oferecer ao leitor um quadro mais nítido do horizonte da luta teórica e revolucionária.

Reconhecer esses limites, claro está, por si só não possibilita superá-los. Talvez sejam, mesmo, insuperáveis na atual conjuntura. Mas possibilita, ao menos, que não façamos desta momentaneamente insuperável imposição histórica uma virtude e que, enquanto virtude, passe a ser teorizada e defendida como o critério científico. Mesmo que não possamos superá-los, desconhecer esses limites e seu conteúdo de classe faz com que os incorporemos acriticamente. E isto não é algo sem importância.

Por colocar questões dessa magnitude e importância, *Capitalismo: crises e resistências* já traz contribuições muito significativas.

Andréia Galvão argumenta com clareza a relação entre as lutas de classe e os “movimentos sociais”. Sua tese de que o marxismo não possui uma teoria acerca dos assim chamados “movimentos sociais” talvez mereça algumas considerações, contudo sua exposição dos fundamentos das classes sociais na base material da sociedade é dos pontos altos da coletânea.

Alfredo Saad Filho, em “A atualidade da economia política marxista”, nos oferece um texto sólido. Sua tese central: a potencialidade teórica do marxismo reside em seu “reconhecimento de que a realidade é um todo concreto que determina seus momentos”, um postulado metodológico que possibilita incorporar à

teoria o desenvolvido objetivo do mundo do qual é uma reflexão teórica, coloca o autor em um terreno cujos frutos brotam imediatamente. A teoria marxiana do valor não poderia ser desarticulada de uma teoria das classes sociais e de suas lutas e, no plano da interpretação do mundo atual, “a economia política marxista é a única teoria do capitalismo com uma avaliação sistemática da dinâmica das crises”. Contudo, sua crítica à concepção marxista vulgar (reduzir o método de Marx a um conjunto de postulados metafísicos) o conduz a um terreno não menos complicado. O método em Marx não poderia ser teorizado porque – ele cita Thompson – seria “uma prática aprendida ao praticar”. A relação entre Marx (e Engels) e a história da humanidade, seu “método”, pode ser sistematizada e discutida, a nosso ver, precisamente porque um “conjunto de princípios filosóficos rígidos” não é a única possibilidade de sistematização da relação entre teoria e história.

Marcos del Roio retoma a discussão envolvendo a peculiaridade teórica de Engels frente a Marx e o seu papel na gênese e desenvolvimento do “*marxismo*”. Sua conclusão é límpida: Engels teria trazido para o “*marxismo*” uma concepção materialista mecanicista, que reduz o ser social ao natural e que compreende o desenvolvimento humano como portador da mesma necessidade presente nos processos naturais. Por vezes, dos próprios textos citados por del Roio, uma outra interpretação parece ser possível; outras vezes, as considerações acerca do papel da subjetividade na história do próprio del Roio parecem sugerir alguns traços de idealismo. Apesar de quaisquer ponderações suscitadas pela avaliação do papel de Engels por del Roio, o texto é rico e instigante.

Interessantes, pela atualidade, são as discussões acerca da América Latina, das lutas de seus povos e da possibilidade do emprego da categoria de subimperialismo para caracterizar a política externa de países como o Brasil. Marisa Silva (“Uma nova fase do capitalismo e um novo padrão de dependência na América Latina”), Ivo Marcos Theis e Luciana Butzke (“O paradoxo da geografia no capitalismo mundializado: revisitando a lei do desenvolvimento desigual e combinado”), Fabio Marulle Bueno e Raphael Lana Seara (“A teoria do subimperialismo brasileiro: notas para uma (re)discussão contemporânea”) abordam, de ângulos distintos, o que caracterizaria as relações de dominação e dependência entre os atuais países latino-americanos. Nicolas Iñigo Carrera traz comprovações empíricas, para sermos muito breves, da continuidade da presença do proletariado nas lutas sociais na Argentina: os dados são impressionantes. E Pablo Stefanoni (“Socialismo del siglo 21, etnonacionalismo e ilusión desarrollista. Las ambivalências de la emergencia plebeya boliviana”) contrapõe as tendências radicalmente mais populares às mais conservadoras, centradas em um projeto desenvolvimentista e nacionalista, na Bolívia de Evo Morales.

Por tudo, *Capitalismo: crises e resistências* oferece uma importante sistematização do debate marxista em nosso país, de suas potencialidades e limites. Só nos restam os votos de que não tarde a ser publicada a coletânea do VII Colóquio Marx e Engels, de 2012.